

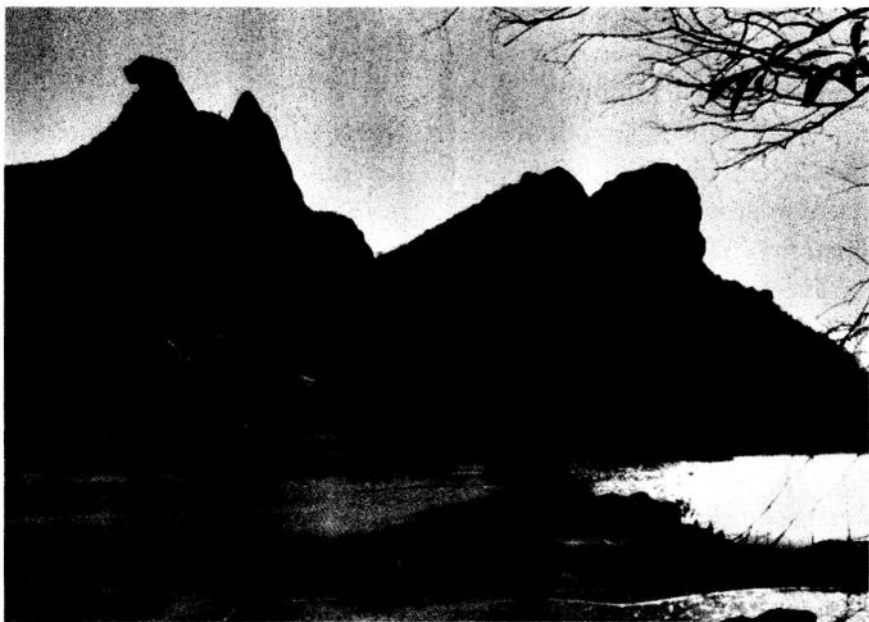
2ª PARTE

Estudios

Romagem ao Sertão Central

J.C. Alencar Araripe

Monólitos de Quixadá



A quadra invernososa deixa-nos transtornos e dissabores, ora pela abundância das chuvas, ora pela sua escassez. É a constância da irregularidade climática que nos aflige. Mas, numa sortida pelo interior, enchem-nos a vista o verde dos campos, que trescalam perfume das flores silvestres, e o lençol d'água dos açudes e lagoas embelezando e suavizando a paisagem. Há estradas que se estreitam, o mato avança nos caminhos, é o aconchego da natureza em festa.

Foi um giro que marcou . Porque contemplou cidade, sertão e serra. Até parece coisa de Eça de Queiroz. Valeu a pena pelos panora-

mas descortinados pelo casal cearense com visitante de merecimento, alemã de nascimento, portuguesa de adoção, Hannelore Nadolny.

“Conheça Quixadá e ganhe uma multa no trânsito” é uma legenda turística, aparentemente negativa, que diz bem da fase trepidante que vive, hoje em dia, a metrópole dos monólitos. Mal estacionou o automóvel, minha mulher é advertida. “Não pare aqui”, diz a mocinha de loja da frente, “porque a senhora será multada”. É isso mesmo. A cidade tem lei. E deve ter lei também para impedir pau de arara escolar, num município dirigido por um petista e quando um petista é Presidente da República.

Metrópole dos monólitos, sim. Numa área de mais de cinco mil hectares do município, defrontamo-nos com singulares monumentos naturais, rochas graníticas, tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN). Há monólitos até dentro de Quixadá, casas encostando no penhasco.

Dom Antônio de Almeida Lustosa foi Arcebispo de Fortaleza durante anos. Das visitas pastorais pela sua diocese, então muito extensa, legou-nos impressões valiosíssimas ditadas pelo seu espírito atilado e curioso. Não se limitava aos aspectos religiosos: identificava-se com o povo e a terra e apontava diretrizes que iam além do espiritual.

“Quem vai a Quixadá”, dizia o antístite, “observa aspectos interessantes do solo, donde emergem, a espaços, cabeças de rochas de formas bizarras. A ação milenar das águas sobre a rocha que predomina na zona dá aos penhascos e pequenos serrotes fisionomia estranha.” E acrescenta logo mais: “É assim que a mão do tempo vai esculpindo figuras fantásticas, parecendo cópias de monstros de uma fauna ciclópica. Destes, o mais conhecido é a Galinha Choca, ao pé do qual foi construído o açude Cedro.”

Hannelore, mulher viajada, não continha manifestações de admiração. Já vira sítios com monólitos em quantidade infundável. Os de Quixadá apresentavam uma singularidade: não tinham pontas, não tinham arestas. Recorro a Dom Antônio Lustosa. O Arcebispo escrevera: “Essa ausência de ângulos e linhas retas, tão comuns nas rochas

graníticas, dá aos monumentos de Quixadá um estilo próprio, que parece agradar aos filhos da terra, pois até no cemitério local vimos um monumento ou mausoléu, feito pela mão do homem, que imita perfeitamente um desses monólitos, sem faces, sem ângulos.”

Do Mosteiro de Santa Cruz, na serra do Estevão, ou do serrote onde se ergue o Santuário de Nossa Senhora Rainha do Sertão, dois momentos de reflexão e prece em Quixadá, a vista que se tem é de um magnífico painel que a natureza e o homem armaram no anfiteatro verde, salpicado de lagoas e açudes e dominado pela imponência dos monólitos.

O Açude Cedro



Quixadá tem potencial turístico que pode lhe render altos dividendos. O Açude Cedro, por exemplo, é um deles. A sua “barragem principal, de alvenaria de pedra, assentada sobre rochas descobertas”, localiza-se ao sopé do monólito apelidado de Galinha Choca. É uma bonita obra de engenharia em cenário privilegiado. Chama atenção a balaustrada, que Dom Antônio Lustosa apontava como ornamento do paredão. O Presidente Afonso Pena, que esteve em Quixadá na

companhia, entre outros, do engenheiro Aarão Reis, considerou o açude “desperdício dos dinheiros públicos”. Referia-se ao esmero e à meticulosidade técnica no acabamento do reservatório, que José Bonifácio de Sousa, historiógrafo, descrevia como “soberbo”, “honra e glória da engenharia nacional”.

Renato Braga, em seu *Dicionário geográfico e histórico do Ceará*, assinala que o Cedro iniciou a política da grande açudagem para combate aos efeitos das secas no nosso Estado. A sua construção demorou 22 anos. Começou na Monarquia, – em 1884, tendo como diretor o engenheiro Jules J. Revy, que o estudara e projetara, e foi concluído na República, em 1906, pelo engenheiro Bernardo Piquet Carneiro.

Desde a sua inauguração, os riachos da sua bacia hidrográfica mostraram-se incapazes de encher com regularidade o reservatório com capacidade de acumular 125.694.200 m³. Sangrou em 1924, 1925, 1974, 1975, 1986 e 1989, ficando praticamente seco em 1932 e 1952 e noutros períodos de grande estiagem. Uma das minhas visitas foi em 2003, quando o lençol d'água quase desapareceu: 5,6% do volume. Em 2004, apesar das chuvas pesadas, só chegou a armazenar 38,3% de sua capacidade. Mas, com a interligação das bacias, iniciativa que acena com perspectivas lisonjeiras, mas muito remota ainda pelos elevados dispêndios, acredito que o Cedro venha a ter expressão econômica e social bem alentada.

Como pólo turístico, indiscutível a sua proeminência. Aliás, desde os primórdios do açude já era assim entendido. Tanto que memorialistas assinalam a existência de linhas de bondes de cinco quilômetros fazendo a ligação de Quixadá ao Cedro.

Hoje, trafega-se numa estrada municipal esburacada para atingir o perímetro do açude. A área sob a jurisdição do DNOCS, que se percorre, ao menos isto, com encantamento pela alameda formada de frondosas árvores, tem estrada também em péssimas condições. Edificação toda de pedra, que deve ter sido armazém da antiga Inspetoria das Secas, está ao abandono e parte do teto já desabou. O arremedo de bar, próximo à cabeça da barragem, subsistiria a uma inspeção de autoridade sanitária?

Fala-se na ocupação paisagística do conjunto em torno do Cedro. Na verdade, o tombamento dos monólitos cria obrigações, gera deveres. Não podemos, porém, permitir que os planos fiquem só no papel. É preciso passar à ação objetiva sem demora para que não se percam os apelos deste momento histórico.

Na Serra do Estêvão



Capela do Mosteiro

A natureza tem caprichos que surpreendem. Em região árida, calor abrasador, em certa época do ano dominada pela galharia seca de pequenos arbustos, está plantada uma serra que mais parece um oásis. É a Serra do Estêvão, a 22 quilômetros de Quixadá.

Estrada aberta pela antiga Inspetoria das Secas, hoje asfaltada, sem ladeiras íngremes e sem curvas apertadas, como assinalava Dom Antônio Lustosa, leva-nos suavemente ao topo da Serra do Estêvão, 400 metros acima do nível do mar, com 24 quilômetros de norte a sul e 10 de leste a oeste. Na subida, a encosta verde e o Cedro com planície ribeirinha oferecem-nos um panorama magnífico, na expressão do bispo-escriptor.

A primeira sensação de quem chega à Serra do Estêvão é de alívio em relação à temperatura. Aliás, já a caminho, vindo do braseiro de Quixadá, ao galgar as primeiras elevações, a quentura começa a ceder. Recorro ao depoimento do historiador José Bonifácio de Sousa, filho da terra dos monólitos, à qual dedicou estudos valiosos. As variações são de pequena amplitude, “assegurando uma constância térmica que, aliada à secura do ar atmosférico, constitui uma das virtudes do clima local”. Já se cogitou até estabelecer um sanatório para tuberculosos, tão acentuada é a salubridade.

“Embora encravada numa faixa cuja pluviosidade anual não ultrapassa, em média, 840 milímetros, a serra oferece condições naturais propícias à agricultura, ramo de atividade de seus habitantes”. A produção é favorecida pela “fertilidade do solo enriquecido com elevado teor de matéria orgânica acumulada de preferência nas depressões formadas pelo sensível dobramento do terreno. Em vários pontos, olhos d’água permanentes asseguram a existência do líquido até mesmo durante as secas mais prolongadas”.

O antigo Mosteiro de Santa Cruz dos Beneditinos recebe-nos de maneira singela e acolhedora. A nossa chegada foi festejada com abençoada chuva vespertina, a que se seguiu belíssimo arco-íris, que mergulhava nas águas do Açude Cedro defronte à Galinha Choca. Foi saudado com urro de entusiasmo.

O ambiente arquitetônico é de claustro. Nas suas instalações funcionaram a abadia dos beneditinos, uma escola apostólica e um ginásio. São lembranças de um passado glorioso. Há vários anos, transformou-se em casa de repouso, sob a responsabilidade da Congregação das Missionárias da Imaculada Conceição. É o destino a que não têm escapado muitos conventos ou mosteiros, no Brasil e noutras partes do mundo. Em Granada, na Espanha, hospedei-me num prédio que fora de religiosos, situado numa das ruas principais da decantada cidade, em frente a hotel de cinco estrelas onde estivera antes por força das circunstâncias.



Jardim interno do Mosteiro

Por ocasião do carnaval, durante a Semana Santa e nos prolongados feriados, a Casa de Repouso São José lota todas as suas dependências. É um refúgio no escaldante sertão cearense, sem dúvida, um insuperável pólo turístico de Quixadá. As vezes em que lá estive, dei-me por plenamente satisfeito e convicto de que lá voltaria, a Deus querer. Alvorço-me já ao amanhecer, a bruma densa envolvendo o alcantilado da Serra do Estêvão e penetrando nas arcarias do claustro que foi mosteiro.

Jader de Carvalho, filho da terra, na beleza de um poema, flagra instante da Serra do Estêvão em *Delírio da solidão*:

*Não adianta que o relógio, na parede,
Marque horas sucessivas, nesta manhã nevoenta.
As casas,
No povoado minúsculo,
Escondem o rosto aos que não dormem.
Não vejo o açude, as árvores,*

*O caminho do “Silvestre”
(o sítio do meu avô Tiago),
Onde a palavra enérgica da avó Ergina,
Se misturava ao perfumes das roseiras
Das tias Adélia e Mariquinhas.*

*O riachinho não está sob os meu olhos.
No Mosteiro,
A torre da Igreja, em gesto pagão
Tenta despir-se da nevoa
Ficou o chão para os meus passos imprudentes.
Para o meu olfato, o puro cheiro da manhã.*

Imagens de ontem e de hoje



A imagem mais antiga que guardo de Quixeramobim é a da ponte ferroviária sobre o rio que banha a cidade e atravessa o município de norte a sul. Sou de uma geração nascida e criada ao influxo da mensagem civilizadora do trem. Não haveria de ficar indiferente ao que trazia o cavalo de ferro no afã de vencer distâncias e superar obstáculos.

A crônica histórica refere-se a longo e belíssimo viaduto e que a ponte, fundida na Bélgica, de quatro vãos e comprimento de 208 metros, pesa 488mil quilos. Inaugurada em 1894, há vários anos não desempenha a função para a qual foi construída. Os trilhos já não atravessam Quixeramobim. Mas a ponte é um ornamento da cidade e caminho dos seus habitantes na ligação dos bairros separados pelo rio. A ponte hoje é uma avenida.

Trabalho conjunto da Prefeitura e do Governo do Estado deu ao chamado corredor turístico e cultural uma visão saudável de novas praças e de logradouros que foram reformados. A cidade ganha com feitiços urbanísticos.

Confesso meu encantamento com a matriz de Quixeramobim, que tem como orago Santo Antônio de Pádua. Agrada-me a sua estrutura arquitetônica, com a imponência das torres nas laterais. Enleva-me o interior do templo, alegre e festivo, excepcionalmente bem conservado na sua integralidade, com destaque para o piso de granito.

“O município de Quixeramobim é centro geométrico do território do Ceará, ocupando um belo planalto sertanejo cortado pelo rio Quixeramobim, afluente do Banabuiú e excepcionalmente favorável à criação de gado, pela riqueza de suas pastagens, pela salubridade do seu clima e fertilidade de seus terrenos de aluvião”. É o que leio no *O Ceará*, de Raimundo Girão e Antônio Martins Filho.

Houve tempo em que Quixeramobim tinha as melhores e maiores fazendas de criação de gado, condição que hoje divide com outros municípios, diz-me Leorne Belém, filho da terra. A pecuária leiteira é pujante. Um quarto da produção de leite do Estado provém de Quixeramobim.

Não é só. A diversificação da economia é um fato. O Açude Fogareiro, que abastece a sede da comuna, garante a irrigação por 60

quilômetros rio abaixo; uma fábrica de calçados gera dois mil empregos; o laticínio expande-se; a confecção de vestuário afirma-se; o beneficiamento de minérios prospera; desenham-se perspectivas lisonjeiras com o projeto pioneiro que gera energia elétrica a partir do óleo da mamona.